



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 19, n.5, art. 9, p. 160-181, mai. 2022

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.6.9>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



A Motivação na Teoria da Instrução de Jerome Bruner e a Alfabetização Infantil

Motivation in Jerome Bruner's Instruction Theory and Children's Literacy

Aline Aguiar Lima

Mestrado em Ciências da Educação pela Universidad Interamericana, Paraguai

Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará

Professora Polivalente da rede municipal do Eusébio/CE

E-mail: linece_aguiar@yahoo.com.br

Marília Maia Lincoln Barreira

Doutora em Psicologia pela Universidade de Fortaleza

Professora Horista do Centro Universitário Christus

E-mail: mariliamlbarreira@gmail.com

Endereço: Aline Aguiar Lima

Rua Tenente Benévolo, 1251 - Centro, Fortaleza - CE,
60160-040, Brasil.

Endereço: Marília Maia Lincoln Barreira

Av. Dom Luís, 911 - Meireles, Fortaleza - CE, 60160-
230, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

Artigo recebido em 12/02/2022. Última versão
recebida em 07/03/2022. Aprovado em 08/03/2022.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O processo de alfabetização infantil é uma etapa crucial para o desenvolvimento escolar das crianças, pois nas habilidades de leitura e escrita todas as aprendizagens escolares estarão ancoradas, pois essas competências estão intimamente ligadas ao sucesso (ou fracasso) escolar. Dessa forma, sob a luz da Teoria da Instrução de Jerome Bruner e a ideia de que os alunos possuem uma predisposição para aprendizagem, que o presente trabalho busca compreender a importância da motivação no processo de alfabetização infantil. A pesquisa que aqui se apresenta trata-se de uma pesquisa bibliográfica com base em uma revisão narrativa de literatura; foram buscados nos livros originais traduzidos de Jerome Bruner (1966, 1975, 1997 e 2001), Bandura (1986), Herzberg (1959), Maslow (1943) e McClelland (1961) e nas bases de dados Pepsic e Scielo, estudos e pesquisas sobre a Teoria da Instrução de Jerome Bruner, motivação na aprendizagem e alfabetização infantil. Bruner nos mostra que, para o processo de ensino-aprendizagem ocorrer, o aluno precisa estar motivado, ou melhor, predisposto para aprender. Desse modo, considera-se a motivação como papel importante nesse processo de sucesso ou fracasso escolar. A motivação extrínseca pode ser importante para iniciar determinadas atividades para ativação delas, mas essa atividade será melhorada e suportada por motivos intrínsecos.

Palavras-chave: Motivação. Teoria da Instrução. Alfabetização Infantil.

ABSTRACT

The child literacy process is a crucial stage for children's school development, as it is in reading and writing skills that all school learning will be anchored; those skills are closely linked to school success (or failure). Then, based on Jerome Bruner's Theory of Instruction and in his the idea that students have a predisposition to learning, this paper propose itself to understand the importance of the motivation in the process of child literacy. The research presented here is a bibliographic research based on a narrative literature review; it was searched in the original translated books by Jerome Bruner (1966, 1975, 1997 and 2001), Bandura (1986), Herzberg (1959), Maslow (1943) and McClelland (1961) and in the Pepsic and Scielo databases, studies and research on Jerome Bruner's Theory of Instruction, learning motivation and child literacy. Bruner shows us that for the teaching-learning process to occur, the student needs to be motivated, or rather, predisposed to learn. Thus, motivation is considered an important role in this process of school success or failure. Extrinsic motivation can be important to start certain activities, to activate them; but this activity will be enhanced and supported for intrinsic reasons.

Keywords: Motivation. Theory of Instruction. Children's Literacy.

1 INTRODUÇÃO

Quando se pensa em uma sociedade relativamente alfabetizada que, no caso do Brasil, não possui o hábito de ler, abrem-se questionamentos acerca do processo de ensino da leitura e da escrita. A aprendizagem dessas habilidades é um processo complexo e que parece nunca ter um fim em si mesma, pois envolve o desenvolvimento das competências de uso dos mais diferentes recursos da língua e sua contribuição para a significação dos textos. Ou seja, envolve uma série de conhecimentos linguísticos ou gramaticais relacionados ao domínio da variedade escrita da língua.

Segundo dados do Instituto Pró-Livro (2019) em parceria com o Itaú Cultural, o brasileiro lê pouco. No Brasil, existem cerca de **100 milhões de leitores**, que compõem **52% da população**¹. Desse total, 82% responderam que gostariam de ler mais, pois consideram a falta de tempo (47%) como o principal fator pela não leitura. Em contrapartida, a pesquisa mostrou também que os leitores têm usado o tempo livre para assistir televisão, assistir filmes ou vídeos em casa, escutar música ou rádio, usar a Internet, *WhatsApp* e redes sociais. Entre os não leitores, as principais causas para não terem esse hábito são a falta de tempo (34%) e o fato de não gostarem de ler (28%).

De acordo com a pesquisa, a única faixa etária que apresentou aumento no número de leitores foi de 5 a 10 anos de idade: passou de 67% (2015) para 71% (2019). A pesquisa mostra que as crianças são as que leem mais (livros de literatura) por vontade própria e com mais frequência. Ao contrário, as faixas etárias de 14 a 17 anos e de 18 a 24 anos são as que apresentam maior percentual de queda de leitores, de 8 pontos percentuais. É preciso se questionar sobre o que realmente falta: tempo ou hábito de leitura?

Conforme o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) de 2018, que é uma pesquisa idealizada em parceria com o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa e realizada com o apoio do IBOPE Inteligência, 13% dos indivíduos que chegam ou concluem o Ensino Médio podem ser caracterizados como Analfabetos Funcionais. Por outro lado, apenas um terço (34%) das pessoas que atingem o nível superior podem ser consideradas proficientes pela escala do Inaf. Como Soares (2000) afirma:

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais

¹ Para ser considerado leitor nesta pesquisa o sujeito precisa ter lido, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos 3 meses antes da pesquisa.

da escrita: não leem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta... (p.46)

Essa realidade, embora já conhecida, aumentou bastante em decorrência da pandemia do Coronavírus, que assolou todo o mundo. É uma questão que merece destaque diz respeito à motivação dos alunos. Em pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, o percentual de alunos sem motivação para estudar chegou a 54% em setembro de 2020.

A desmotivação do aluno para aprender é um alerta para um (muito) provável fracasso escolar, essa desmotivação tende a levar o aluno a se evadir e abandonar a escola, refletindo diretamente sobre ele, sua família e a sociedade, aumentando mais ainda a desigualdade. O contexto da pandemia obrigou a todos os sistemas de educação a se reconstruírem e, embora o conteúdo chegue até o aluno, ele não está motivando-o.

Quando partimos para o processo de alfabetização, percebemos mais ainda a dificuldade de se manter o ensino-aprendizagem em tempos de pandemia e ensino remoto. A estudiosa Magda Soares (2020)² destaca que a pandemia acrescentou novos desafios, afastando as crianças da escola e dos professores na fase fundamental do processo de escolarização, ela acredita que há um efeito negativo dessa interrupção do processo de escolarização na qualidade, já precária, da alfabetização das crianças, principalmente as das camadas mais populares que sofrem com as desigualdades econômicas, sociais e culturais.

Para essas crianças é que uma aprendizagem de qualidade, e não só da alfabetização, é essencial para que tenham condições de avançar na escolarização, de lutar por condições mais justas neste país tão marcado por discriminações sociais. Elas têm o direito a um nível de escolaridade que lhes permita prosseguir no processo de escolarização, adquirir uma profissão, ser reconhecidas e respeitadas no meio social privilegiado. (SOARES, 2020)

Durante esse processo de escolarização, é fácil perceber que toda aprendizagem escolar está ancorada nas habilidades de ler e escrever; essas competências estão intimamente ligadas ao sucesso (ou fracasso) escolar. Dessa maneira, sob a luz da Teoria da Instrução de Jerome Bruner e a ideia de que os alunos possuem uma predisposição para aprendizagem, o presente trabalho busca compreender a importância da motivação no processo de alfabetização infantil.

²Em entrevista concedida ao Futura. Disponível em: <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 29 out. 2021.

2 METODOLOGIA

Ao iniciar uma pesquisa, guia-se pela busca por respostas de um ou vários questionamentos. É, então, quando nos questionamos acerca de algo que se inicia, um processo de pesquisa, de busca por respostas. O que dá sentido a essa pergunta é a vontade de responder a ela. Procurar respostas, porém, não é algo tão simples, não se resume somente ao ato de procurar, encontrar e encerrar esse ciclo. O que tende a acontecer, muitas vezes, é o surgimento de outras perguntas em cima dessas respostas, dando, assim, sequência ao movimento do mundo, da ciência e da história.

Para iniciar de fato a pesquisa, é preciso definir qual o método mais adequado para chegar à resposta. Como Gil (1991) afirma, “método é o caminho para se chegar a um determinado fim. E método científico o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento” (p.8).

O estudo que aqui se apresenta configura-se como uma pesquisa bibliográfica, com base em uma revisão narrativa de literatura. A pesquisa bibliográfica, como Gil (1991) nos traz, é desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos. A questão norteadora para a realização deste estudo foi: qual a importância da motivação no processo de alfabetização infantil segundo a Teoria da Instrução de Jerome Bruner?

Dessa forma, foram buscados nos livros originais traduzidos de Jerome Bruner (1966, 1975, 1997 e 2001), Bandura (1986), Herzberg (1959), Maslow (1943) e McClelland (1961) e nas bases de dados Pepsic e Scielo, estudos e pesquisas sobre a Teoria da Instrução de Jerome Bruner, motivação na aprendizagem e alfabetização infantil. Os descritores utilizados, de forma simples e cruzada, na busca, foram: “Teoria da Instrução”, “motivação”, “processo psicológico básico e motivação”, “motivação na aprendizagem” e “motivação e o fracasso e sucesso escolar”.

A pesquisa abrangeu publicações – entre livros e artigos – dos últimos 20 anos. A inclusão dos trabalhos foi baseada nos seguintes critérios: resumo disponível em alguma base de dados citada acima, livro publicado por editoras atuantes no mercado, publicação em língua portuguesa ou em línguas estrangeiras que foram citados em artigos nacionais e período de publicação dentro do período proposto. Foram excluídos os estudos que não traziam a temática dentro de uma proposta psico-educacional, que abordavam a leitura e a escrita em um nível de desenvolvimento do letramento e não de aquisição da alfabetização e

artigos que tratavam da motivação de uma forma generalizada e não com foco na aprendizagem. A seção a seguir – Resultados e Discussões – foi construída a partir de categorias previamente elaboradas e derivadas do objetivo principal do artigo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Biografia de Jerome Bruner e o Cognitivismo

Jerome Seymour Bruner foi um psicólogo estadunidense que nasceu em 1º de outubro de 1915 em Nova York e faleceu em 05 de junho de 2016 aos 100 anos de idade. Graduiu-se na Universidade de Duke em 1937 e, logo depois, em 1941, obteve o título de doutor em Psicologia pela Universidade de Harvard, ambas nos Estados Unidos. Foi professor de Psicologia em Harvard e Oxford, produzindo importantes trabalhos nas áreas de Educação, Pedagogia e Psicologia.

Bruner é chamado de “o pai da Psicologia Cognitiva”, pois desafiou, nas décadas de 1950 e 1960, a escola de psicologia experimental predominante da época: o Behaviorismo. A primeira Revolução Cognitivista introduziu novas perspectivas no estudo da mente, superando os postulados colocados pelo Behaviorismo que focavam apenas nos fenômenos observáveis; segundo Bruner (1997), essa revolução visou trazer a “mente” de volta às ciências humanas, com uma abordagem mais interpretativa da cognição, interessada na “produção de significados”, e com a contribuição de outras áreas, como a antropologia, a linguística, a filosofia, a teoria literária, entre outras (BRUNER, 1997, p.15).

Em seus estudos, ele procurava entender como as pessoas interpretavam o mundo e considerou a sensação e a percepção humana como sistemas ativos e não apenas receptivos. Em 1956, Bruner publica *O Estudo do Pensamento (A Study of Thinking)* que inicia o estudo da psicologia cognitiva e funda o Centro de Estudos Cognitivos (Center of Cognitive Studies) em Harvard.

Já na década de 1980, se deu a segunda Revolução Cognitivista. Se a primeira era contrária ao Positivismo que imperava na psicologia, a segunda buscou diminuir o Tecnicismo que se instalou nas áreas humanas no campo da Psicologia e da Educação. O foco era construir “uma ciência mental em torno do conceito de significado e dos processos pelos quais as significações são criadas e negociadas dentro de uma comunidade” (BRUNER, 1997, p.21). Em 1990, Bruner fez uma série de conferências sobre o assunto, que foram publicadas no livro *Atos de Significação (Acts of Meaning)* e nelas ele refuta o modelo computacional como metáfora do estudo da mente, defendendo um entendimento holístico da mente e do

sistema cognitivo humano. Para ele, a aprendizagem é um processo interno e não apenas um produto do ambiente, das pessoas ou de fatores externos ao aprendiz.

Desse modo, pesquisando o trabalho de sala de aula, desenvolveu a Teoria da Instrução em 1971, ela sugere metas e meios para a ação do educador baseada no estudo da cognição. Suas obras buscavam contestar o processo de ensino voltado para a memorização e repetição de comportamentos desejáveis, mostrando que o aprendiz, mediante sua estrutura cognitiva, levanta hipóteses e toma decisões, podendo sua aprendizagem ir além das informações concedidas pelo professor.

Embora Bruner tenha sido um psicólogo por formação, ganhou grande destaque no mundo da educação devido à sua participação no movimento de reforma curricular dos EUA na década de 1960. Seus trabalhos foram tão significantes para o estudo das ciências da Educação e Psicologia que ele possui doutoramentos *honoris causa* pelas Universidades de Yale, Columbia, Sorbonne, Berlim, Roma, entre outras.

3.2 A Teoria da Instrução (ensino) e a Predisposição para aprender

A Teoria da Instrução de Jerome Bruner foi elaborada, ao longo de 5 anos, com base em inúmeras pesquisas e experiências realizadas junto a professores e alunos da rede pública de ensino dos Estados Unidos. Com foco na teoria cognitiva, ela indica pontos e atitudes que o educador pode adotar como meios para melhorar o desempenho de aprendizagem de seus alunos, mostrando este processo como uma conquista e uma busca na construção de novos conceitos, passando pelo processo de captação de informações, transformação e adequação à sua realidade e ao seu cotidiano, criando hipóteses e gerando novos conhecimentos.

Como vimos, Bruner era cognitivista e, para compreendermos melhor sua Teoria da Instrução, é necessário esclarecer o porquê de ela ser chamada dessa forma e não de teoria da aprendizagem e/ou desenvolvimento. A psicologia já nos traz algumas teorias sobre aprendizagem e desenvolvimento, como a epistemologia genética de Jean Piaget, que apresenta os estágios de desenvolvimento da criança e o que pode ser aprendido e desenvolvido em cada estágio e a teoria de Lev Vygotsky, com a ideia da zona de desenvolvimento proximal e aprendizagem mediada. Entretanto, para Bruner, essas teorias são descritivas, pois nos dizem o que ocorre após um acontecimento e ele defendia que as teorias da aprendizagem, além de levar em conta tais teorias, deveriam concentrar-se em como otimizar a aprendizagem, facilitar a transferência ou a recuperação de informações.

Ele considera, portanto, que a Teoria da Instrução é prescritiva por estabelecer regras

relacionadas à melhor maneira de obter conhecimentos ou habilidades; ela é normativa, pois propõe critérios e fornece condições para atendê-los. Portanto, essa teoria deve se esforçar para oferecer a melhor maneira de ensinar ao aluno, ela se preocupa em como o conteúdo que se deseja ensinar pode ser mais bem aprendido, isto é, busca melhorar o ensino e não o descrever, proporcionando os critérios para avaliar o ensino ou a aprendizagem, pretendendo-se ter uma instrução que seja flexível e dinâmica. O autor incentiva o professor a produzir desafios na hora de transmitir qualquer informação, trazendo os alunos a participar ativamente das aulas e desenvolver neles a expectativa de resolver problemas, melhorando seus desempenhos intelectuais, ou seja, motivá-los (BRUNER, 1975).

Entre as características da Teoria da Instrução, destaca-se aqui, neste trabalho, a Predisposição. Conforme Bruner, uma teoria da instrução deve especificar as experiências que mais efetivamente despertam no indivíduo a predisposição para a aprendizagem.

Normalmente, quando se fala em predisposição para aprender tem-se como foco os fatores culturais, motivacionais e pessoais que afetam o desejo de aprender e a busca por solucionar problemas. Existem atitudes que diferem de acordo com classes sociais, sexo, idade e diferentes grupos étnicos, é preciso, então, pensar em como melhor utilizar determinado contexto cultural para atingir um certo objetivo de ensino.

Uma questão que vai influenciar diretamente na predisposição para aprender e merece destaque, é a relação professor-aluno, pois essa relação vai afetar a aprendizagem de alguma forma. Bruner (1975) nos mostra que:

Tratando-se de relação entre pessoas em que um possui algo que falta ao outro, há sempre, no caso, um problema de autoridade. A forma dessa relação de autoridade se reflete na natureza da aprendizagem, no grau em que o estudante desenvolve uma habilidade independente, na medida em que ele confia na capacidade própria para trabalhar sozinho, e assim por diante. As relações entre quem ensina e quem aprende repercutem sempre na aprendizagem. (p. 50).

A atuação coerente do professor propicia o desenvolvimento cognitivo do aluno e sua predisposição no ato de aprender. É preciso ter respeito pela realidade do aluno e despertar nele o interesse pela aprendizagem; sabe-se que alunos que gostam e/ou se identificam com o professor tendem a apresentar mais sucesso nesse processo. Utilizando o conceito de David Ausubel, é preciso tornar a *aprendizagem significativa* para o aluno, relacionando os novos conhecimentos com o conhecimento prévio que ele já possui, pois, desta forma, os conhecimentos já existentes adquirem novos significados, tornando a aprendizagem relevante e permanente.

A busca pela solução de problemas também faz parte da predisposição para aprender e, para isso, é importante compreender que aprender e solucionar problemas dependem da exploração de alternativas, por isso a Teoria da Instrução propõe que o educador facilite e organize tal processo por parte do aluno, para que ele se sinta estimulado a explorar alternativas. Assim sendo, há três aspectos a serem destacados para a realização da exploração de alternativas: a ativação, a manutenção e a direção.

A ativação é o que dá início ao processo; o primeiro passo para uma aprendizagem significativa é conseguir que o aluno esteja motivado. De acordo com Bruner, muito disso depende da ativação, se o professor consegue despertar o interesse nos alunos, ele nos diz que a condição básica é ter um nível ótimo de incerteza para ativar a exploração de alternativas, pois, em resposta à incerteza, teríamos a curiosidade.

Uma vez despertada a curiosidade do aluno, ativada a sua exploração de alternativas, é preciso mantê-la durante toda a sessão de estudo/exploração. Daí, temos a manutenção que requer que os benefícios das alternativas exploradas excedam os riscos envolvidos. Por exemplo, aprender alguma coisa com o auxílio de um professor/instrutor que seja, de fato, efetivo é menos arriscado, doloroso ou perigoso do que aprender sozinho, pois tem-se aquele apoio, ou seja, as consequências dos erros devem ser menos penosas se estiverem sob um comando de instrução, ao passo que os resultados obtidos com a exploração das alternativas corretas devem ser correspondentemente maiores.

E, por último, temos a direção. O objetivo da tarefa precisa ser conhecido e a verificação das alternativas deverá sempre informar a posição em que se está em relação a esse objetivo proposto; é preciso que seja dada a direção à exploração das alternativas, ou seja, a direção depende do conhecimento dos resultados das experiências de alguém e a instrução deve mostrar-se superior à aprendizagem espontânea para garantir maior grau tal conhecimento. As instruções devem ser dadas de modo a explorar alternativas que levem à solução dos problemas ou à “descoberta”. Como Bruner (1975) nos diz, “despertar o interesse a curto prazo não é o mesmo que estabelecer interesse, em seu mais amplo sentido, a longo prazo” (p.68). Para desenvolver o interesse nos alunos por aquilo que está sendo ensinado, é preciso aumentar o interesse inerente às matérias ensinadas, oferecer ao aluno um sentimento de descoberta e traduzir o que temos a dizer para as formas de pensar própria deles.

Cada criança possui uma maneira particular de ver o mundo, sendo assim é preciso que haja uma representação adequada da matéria para que a criança possa “enxergar as coisas” em conformidade com sua fase de desenvolvimento; enquanto a técnica ou método de comunicação não for ajustado ao nível de desenvolvimento da criança, a mensagem

continuará incompreensível. De nada adianta continuar explicando um conteúdo da mesma forma para um aluno que parece nada entender, fatalmente ele se sentirá desmotivado, portanto é preciso buscar adequar a comunicação ao nível de experiência e representação dele.

A sua Teoria da Instrução ainda destaca o Reforço, obviamente o reforço apresentado por Bruner é diferente daquele utilizado pelo Behaviorismo. Ele entende e concorda que a aprendizagem necessita, também, de um reforçamento, de algum tipo de retorno que seja de interesse do estudante, porém, para ele, o grande objetivo do ensino é tornar o aluno autossuficiente, por isso recompensas externas (extrínsecas) devem ser sempre provisórias; o aluno deve assumir a responsabilidade pelo sucesso da sua própria aprendizagem, passando a ter uma recompensa intrínseca pelas suas descobertas, ou melhor, a recompensa pertence a satisfação do término bem-sucedido da atividade ou mesmo a realização da atividade em si.

Quando temos nossos próprios padrões, passamos a ter uma relativa independência em relação a recompensas e castigos atribuídos pelos outros. A vontade de aprender é um motivo intrínseco que encontra, na prática, tanto a fonte como a recompensa. O reforço externo pode ser um ato particular e, até mesmo, levar a sua repetição, mas ele não nutre, de forma confiável, o longo caminho do aprendizado, pelo qual o sujeito lentamente constrói um modelo útil do que é e do que poderá vir a ser no mundo.

A instrução aumenta a oportunidade e a aplicação do conhecimento corretivo. Oliveira (1977) destaca que “o processo deve levar o estudante a desenvolver seu autocontrole e se autorreforçar a fim de que a aprendizagem seja reforço de si própria” (p.122).

É preciso não só refletir a natureza do conhecimento em si, mas, também, da natureza do conhecedor e do processo de aquisição do conhecimento. Bruner (1975) destaca que “instruir alguém nessa matéria não é levá-lo a armazenar resultados na mente, e sim ensiná-lo a participar do processo que torna possível a obtenção do conhecimento” (p.75) e conclui com a afirmação “saber é um processo, não um produto.”

3.3 Processos Psicológicos Básicos: motivação

Diversas funções mentais são importantes no processo de desenvolvimento e aprendizagem, elas são caracterizadas, na Psicologia, como processos psicológicos básicos; através da sua relação e influência pode-se compreender a dinâmica da mente, pois interagem e servem de base para o desenvolvimento de outros conceitos. Os principais processos psicológicos básicos são: sensação, percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem, emoção e motivação.

Bruner nos mostrou que para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra, o aluno precisa estar motivado, isto é, predisposto para aprender, desta forma, para efeito deste artigo, nos deteremos ao processo psicológico da motivação. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008) na obra *Psicologias*, motivação é “o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação” (p.137).

Ou seja, na base da motivação há um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para fazer algo e está também incluído o ambiente que oferece o objeto de satisfação e estimula o organismo, por fim, há o objeto que surge como a possibilidade de satisfação daquela necessidade. No popular dizemos “estar a fim” quando queremos dizer que estamos motivados.

De forma simples e direta, motivação é o que faz com o que o sujeito aja e se comporte de uma determinada maneira a fim de atingir seus objetivos; é uma ampla série de impulsos, desejos, necessidade e anseios. Ela envolve fenômenos emocionais, biológicos e sociais e é um processo responsável por ativar, manter e direcionar comportamentos relacionados com o cumprimento de objetivos.

Para Jerome Bruner, como já citado anteriormente, a motivação está relacionada com a predisposição, isto é, com as condições que predispõem o sujeito para a realização de algo, no caso, para aprender. Ele defende que somente através da motivação intrínseca é que se sustenta a vontade de aprender, entretanto acredita que a recompensa externa – a motivação extrínseca – pode ser importante para iniciar determinadas atividades que, uma vez iniciado o processo de aprendizagem, este será melhorado e suportado por motivos intrínsecos.

Bruner acredita que as motivações intrínsecas são recompensadoras em si mesmas e, por isso, autossuficientes, assim, a aprendizagem é mais duradoura do que quando é provocada por um impulso transitório de reforços externos. Como por exemplo, quando um aluno que estuda Psicologia porque gosta do curso e um aluno que faz o curso porque os pais querem; para o primeiro a vontade de aprender vai ser mais recompensadora, portanto a aprendizagem será mais duradoura.

Bandura (1986), no seu estudo da Teoria Social Cognitiva, entende a motivação como um comportamento orientado para um objetivo; ativado e sustentado através das expectativas de resultados. Os pontos mais relevantes para a compreensão da motivação para ele são: a percepção de autoeficácia, o estabelecimento de objetivos, as consequências vicariantes resultantes da observação de modelos ou da comparação social e as expectativas de resultados. Nos processos motivacionais, as consequências dos comportamentos servem de

motivação, criando expectativas de resultados e aumentando a autoeficácia; os incentivos podem ser extrínsecos ou intrínsecos, vicariantes ou pessoais. As consequências vicariantes têm valor informativo e motivacional; as consequências valorizadas motivam os observadores. Ele defende que a autoeficácia ou competência percebida com o autocontrole percebido têm um papel importante na motivação e desempenho.

Maslow (1943), em sua Teoria das Necessidades Humanas (Pirâmide de Maslow), defende que as pessoas possuem níveis hierárquicos de necessidade, as mais básicas ficam na base, ele considera que o indivíduo possui uma competência e uma força de autorrealização que o possibilita a capacidade de desenvolver uma personalidade saudável e criativa. Dessa forma, Maslow (1943) acredita que, em certos momentos, os indivíduos estarão motivados a suprir a necessidade dominante, posteriormente, quando conseguem satisfazer essa necessidade, pelo menos parcialmente, a necessidade do nível imediatamente acima despertará sua motivação e vontade em realizá-la. Ou seja, o sujeito se motiva quando suas necessidades são supridas.

McClelland (1961), baseado na Teoria das Necessidades de Maslow, desenvolveu a Teoria das Necessidades Adquiridas. Ele destaca que há três necessidades essenciais para a motivação: a realização que tem relação com o desejo da pessoa de atingir os objetivos que lhe desafiem em buscar fazer sempre melhor e mais eficientemente e o sucesso em obter reconhecimento por suas conquistas; a afiliação que está intimamente ligada ao desejo de se sentir querido ou aceito, e o poder que é o desejo que o indivíduo tem de possuir o controle dos meios de influenciar outros indivíduos, são pessoas persuasivas.

Ele defende que todos nós, independentemente da idade, sexo ou cultura, temos três motivadores dominantes, e um deles é nosso motivador principal. Esse motivador principal depende da experiência de vida e das interações com outros indivíduos e com o ambiente. A identificação desse motivador principal possibilita melhorar os processos de decisão e definição de objetivos, foco, administração de incentivos e recompensas.

E Herzberg (1959) afirma, em sua Teoria dos Dois Fatores ou Teoria da Motivação-Higiene, que a motivação está ligada a fatores motivacionais (intrínsecos) que levam à satisfação e que estão sob o controle dos indivíduos, pois estão relacionados com aquilo que ele faz e desempenha, envolvendo sentimentos de crescimento individual, reconhecimento profissional e autorrealização, e a fatores higiênicos (extrínsecos) que levam à insatisfação e são administrados e decididos pelos outros, estando fora do controle do indivíduo, como por exemplo, os salários, tipos de supervisão, condições físicas e ambientais de trabalhos, políticas e diretrizes, regimento interno etc.

A maioria dos autores costuma apontar dois tipos principais de motivação: a intrínseca e a extrínseca. Quando falamos em uma motivação pessoal com objetivo no interesse em realizá-lo, nos referimos à intrínseca. Esse tipo de motivação é a que nos orienta, pois a recompensa é inerente à própria ação, à satisfação de realizá-la; por isso, ela é considerada uma motivação positiva. Acredita-se que, quando uma pessoa está motivada intrinsecamente, é mais provável que ela mantenha essa motivação em um nível alto e, assim, atinja os objetivos. A motivação extrínseca, por sua vez, é gerada pelo ambiente que a pessoa vive, ela se refere aos fatores motivacionais de comportamentos externos e que, geralmente, não são relacionados de maneira natural ao comportamento que recompensam. Essa motivação é definida como os impulsos e elementos externos que aumentam nossa motivação e direcionam as ações para buscar um estímulo externo positivo (recompensas, prêmios, dinheiro, aceitação etc.).

Por exemplo, quando decidimos ir a um restaurante comer uma *pizza* podemos ter duas motivações: o desejo de comer *pizza* (motivação intrínseca) ou a vontade de estar naquele restaurante que tem um ambiente agradável (motivação extrínseca).

Para motivar a aprendizagem, a motivação intrínseca é mais eficaz. Entretanto, o sistema educativo, geralmente, usa a motivação extrínseca na aprendizagem para atribuir recompensas aos alunos que alcançam com sucesso os objetivos propostos, ou seja, aqueles que obtêm sucesso, remetendo-nos ao sistema Behaviorista de estímulo-resposta.

A motivação em cada um de nós vai desempenhar três funções importantes no processo de aprendizagem: a função direcional que vai orientar a ação em prol dos objetivos que se pretende alcançar; a função seletiva, que vai centrar a atenção em determinadas áreas de interesse, de acordo com as preferências pessoais, profissionais, etc.; e a função energética que intensifica a atividade e a energia, de acordo com a motivação que o sujeito tem para atingir o que se propôs a fazer.

3.4 Motivação na Aprendizagem

Em toda escola temos alunos que gostam e aproveitam a vida escolar, desenvolvendo seus comportamentos, capacidades e potencial, entretanto, também temos aqueles alunos que demonstram pouco interesse pelas atividades escolares, muitas vezes realizando-as de qualquer jeito, por pura obrigação. Vários fatores estão por detrás desses dois tipos de aluno, um deles é a motivação (GARRIDO, 1990; LENS, 1994).

O valor da motivação está nas razões que se tem para desenvolver uma tarefa, isto é,

quando o aluno se engaja em uma atividade por achá-la interessante ou prazerosa, podemos dizer que ele está intrinsecamente motivado. Quando a realização dessa atividade tem em vista o recebimento de recompensas externas, dizemos que ele está extrinsecamente motivado (AMABILE; HILL; HENNESSEY; TIGHE, 1994).

Boruchovitch (2009) explica que quando o aluno está intrinsecamente motivado, ele realiza as atividades por prazer, porque ele gosta e se interessa por aquela atividade, já quando ele está extrinsecamente motivado ele realiza as atividades por receio de punições, busca de reconhecimento ou recompensas, ou mesmo por aceitar que aquela aprendizagem é necessária mesmo que não seja do seu agrado. Ryan e Deci (2000) destacam que quando os alunos estão intrinsecamente motivados a qualidade da aprendizagem é muito superior. Boruchovitch (2008) aponta que, quando comparada à motivação extrínseca, a intrínseca tem sido associada a melhores resultados de aprendizagem e ao uso de estratégias de aprendizagem. No entanto, a presença da motivação extrínseca, quando acompanhada da motivação intrínseca, parece também produzir bons resultados.

Bruner, por sua vez, destaca que a aprendizagem é um processo ativo, no qual os alunos constroem novas ideias ou conceitos baseados em seus conhecimentos prévios e atuais. Para ele, a educação não deve se concentrar apenas na memorização de fatos, mas na descoberta deles, no que se pretendia criar um ambiente educacional que se concentrasse no que era exclusivamente humano sobre os seres humanos.

Pensando na sua Teoria da Instrução e em formas de despertar no aluno a vontade de aprender, Bruner apresenta o que ele chamou de Aprendizagem por Descoberta. A metodologia da Aprendizagem por Descoberta proposta por Bruner segue a linha da metodologia ativa, em que o aluno vai ter papel ativo no seu processo de aprendizagem e o professor, no que lhe concerne, vai mediar a relação do aluno com a construção/descoberta do conhecimento, estimulando-o, orientando-o e facilitando o processo. Ele adota o papel de organizador da dinâmica de exploração por parte dos alunos e o objetivo é que o aluno chegue a descobrir como funcionam as coisas de uma forma ativa e construtiva.

Utilizando o método de Aprendizagem pela Descoberta, indicado por Bruner, ao aluno são apresentados experiências, conceitos e exemplos com a orientação do professor, sendo este o seu tutor. Não se trata de uma aprendizagem caótica e livre de planejamento, antes uma forma que se inspira na natural curiosidade que os seres humanos têm para aprender. Aliás, os seus defensores afirmam que na maioria das vezes, o aluno vai além dos objetivos iniciais traçados pelo seu professor em termos de aprendizagem. (BORBA; GOI, 2021, p. 3).

A Aprendizagem por Descoberta propõe que o aluno investigue, em situações de aprendizagem planejadas, determinados princípios básicos através de questionamentos induzidos pelo professor, ou melhor, o aluno não está sozinho como muitos pensam. Contando com a orientação do professor, os alunos podem testar hipóteses e discutir alternativas. Portanto, o método da descoberta consiste em conteúdo de ensino compreendido pelo aluno em termos de problemas, relações e espaços que ele deve preencher, a fim de que a aprendizagem seja considerada significativa e relevante; ele vai, por si mesmo, ministrar a informação, podendo verificá-la ou avaliá-la e, confrontando-a com as fontes, obterá mais informações. Quando o aluno tem sua curiosidade despertada e ele assume a responsabilidade pelo desenvolvimento da sua aprendizagem, ele se sente motivado, pois, afinal, sua participação e interesse estão tendo atenção e importância nesse processo.

O ambiente da aprendizagem, por descoberta, deve proporcionar alternativas para desenvolver a consciência do aluno, com relações e similaridades entre as ideias que não foram ainda reconhecidas; propõe-se que o professor facilite e ordene os processos de representação, para que o aluno se sinta estimulado a explorar as alternativas, cuidando para ativar, manter e dar a direção como vimos anteriormente. É necessário, portanto, que as atividades sejam significativas para o aluno naquele momento, utilizando formas de reforço que indiquem o prazer pelo conhecimento.

É preciso, ainda, ter cuidado para que a Aprendizagem por Descoberta não ocorra de forma mecânica ou não significativa, fazendo com que o aluno apenas memorize a generalização que chegou através da descoberta. Bruner (1966) destaca que “Interessamo-nos pelos assuntos que dominamos. É difícil, em geral, ter interesse em uma atividade, a não ser que consigamos determinado nível de competência.” (p. 68). É como jogar um jogo no videogame: iniciamos das fases mais simples e, ao ir passando, nos deparamos com fases mais complexas; se iniciamos com as fases mais difíceis e não conseguimos avançar, certamente nos sentiremos fracassados e desmotivados e não prosseguiremos mais no jogo, desistiremos. O mesmo acontece com os alunos, se eles iniciam uma investigação e vão conseguindo obter avanços, sentem-se motivados a buscar mais resultados, mas se logo de início tentam diversas vezes e fracassam, perdem a vontade e o interesse. O aluno precisa sentir a emoção da descoberta, do achar, do encontrar.

É preciso criar um ambiente especial em sala de aula, que seja favorável, que propicie a discussão ativa e considere os problemas de interesse, que ilustre as situações analisadas, que destaque os pontos importantes em uma leitura ou que tente relacioná-los com questões práticas. Os defensores da aprendizagem por descoberta destacam que ela serve para superar

as limitações da aprendizagem tradicional ou mecanicista, estimula os alunos a pensar por eles mesmos, considerando hipóteses e buscando confirmá-las, potencializa as estratégias metacognitivas (aprende a aprender), fortalece a autoestima e a segurança por parte dos alunos, e potencializa a solução criativa dos problemas.

3.4.1 Processo de Alfabetização

Antes de compreender a importância da motivação na alfabetização, é importante conhecer o que, de fato, é a alfabetização e a sua diferença com o letramento. Segundo Soares (2007), o termo alfabetização faz referência à aquisição do alfabeto, isto é, o processo de aprendizagem no qual se desenvolve a habilidade de ler e escrever. Mais do que se alfabetizar e ensinar a criança a codificar e decodificar letras, é preciso incorporar as práticas de leitura e escrita no nosso cotidiano. Segundo a autora, o sujeito alfabetizado sabe ler e escrever, porém pode não usar essas habilidades no seu cotidiano; ao contrário do sujeito letrado que possui o domínio da leitura e escrita nas mais diversas situações e práticas sociais. Uma criança alfabetizada não necessariamente é uma criança letrada.

Como Soares (2000) afirma:

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais da escrita: não leem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta... (p.46)

Alfabetização, portanto, é o processo de ensino e aprendizagem de um sistema linguístico e da forma como usá-lo para se comunicar; essa aprendizagem não ocorre de forma natural e espontânea como na língua falada, é preciso que o aluno tenha consciência da representação do sistema de escrita. Ela envolve três processos: a consciência fonológica, o conhecimento das letras e o reconhecimento do uso social da escrita.

O processo de alfabetização se inicia antes mesmo de a criança entrar na escola, através da criação do repertório de linguagem que é adquirido nas relações no ambiente doméstico. Na escola, por sua vez, a criança vai ser submetida a uma alfabetização sistematizada, com atividades e metodologias adequadas para sua idade, conhecerá o alfabeto, aprendendo a reconhecer sílabas, escrever as primeiras palavras etc. E, se ela estiver motivada, é provável que esse processo ocorra mais tranquilamente.

A psicolinguística Emília Ferreiro na sua obra *Psicogênese da Língua Escrita*, juntamente com Ana Teberosky, em 1979, nos mostra que as crianças não chegam à escola vazias, como uma tábula rasa, sem saber nada sobre a língua. Ambas concebem a escrita como objeto de conhecimento da criança; Emília Ferreiro mostra, assim, o processo de aquisição de conhecimento como um conjunto de problemas cognitivos e não somente uma técnica.

De acordo com essa compreensão, a criança passa por quatro fases até que esteja alfabetizada: a primeira é a pré-silábica, nela a criança não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada, as hipóteses dela são estabelecidas em torno do tipo e da quantidade de grafismo. Nessa fase, ela tenta diferenciar desenho e escrita, utilizar no mínimo duas ou três letras para poder escrever palavras, reproduzir os traços da escrita e perceber que é preciso vários caracteres para obter palavras diferentes.

A segunda fase é denominada silábica, pois a criança interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada letra. Nesse momento, ela começa a compreender que as diferenças na representação escrita estão relacionadas ao “som” das palavras. A terceira é a silábico-alfabética. Nessa fase, a criança mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas, ela já começa a escolher as letras de forma ortográfica ou fonética.

A última fase, e a que vai completar o ciclo da aquisição das letras, é a alfabética. Nesse momento, a criança domina, enfim, o valor das letras e sílabas. Ela entende que a sílaba não pode ser considerada uma unidade e pode ser separada em unidades menores. Compreende, também, que a identificação do som não é garantia da identificação da letra, o que pode gerar as dificuldades ortográficas costumeiras do início do processo de aprendizagem. Como, por exemplo, as trocas de letras.

De acordo com o pensamento de Dias (2001), primeiro a criança compreende a palavra impressa, através da leitura, para depois se expressar através da escrita. Por isso, é de grande importância entender que toda criança tem em seu processo de desenvolvimento o seu próprio tempo. É imprescindível deixar que elas escrevam da forma que sabem, cuidando sistematicamente da escrita e da leitura durante, principalmente, a alfabetização, pois, mesmo que a criança tenha um contato frequente com livros, revistas e que veja adultos e crianças mais velhas lendo e escrevendo, essa atividade se coloca como algo novo, um desafio. Entende-se que, caso a criança tenha um bloqueio por avaliações “exageradas” ou motivações desinteressantes dos seus professores, a vontade de escrever vai ser muito pequena e a “preguiça maior ainda”.

Há muito o que ler: livros, revistas, quadrinhos, receitas, jornais, bulas, listas, encartes, panfletos, dicionário, partituras musicais, dentre outros. São os chamados portadores de textos. Certamente, alguns deles e, especificamente, algumas leituras, são mais interessantes para as crianças, outras para os jovens ou para os adultos. A escola, por seu papel social, deve propiciar esse acesso aos diversos portadores de textos, principalmente porque muitos não podem ter alguns tipos em casa. Além da dimensão sensível e afetiva citada por Charmeux (1994), é importante ressaltar o aprendizado diversificado que há nos portadores. Além do que, o leitor que está ou já esteve na escola poderá ver que a leitura é muito além do que ele vê nos livros didáticos, nos livros muitas vezes ditos “chatos” e “metódicos” da escola. É importante que seja despertado esse interesse nos alunos, para que eles se sintam motivados a ler por prazer e não por obrigação.

3.4.2 Fracasso e Sucesso escolar associados à motivação

Como vimos, a motivação do aluno vai ter forte influência na sua aprendizagem e, conseqüentemente, no seu sucesso ou fracasso escolar. Entretanto, o que é esse sucesso ou fracasso escolar?

O sucesso escolar diz respeito ao aproveitamento positivo dos estudantes na escola. Para que ele ocorra, é necessária a participação da instituição escolar, do aluno e do apoio familiar. Segundo os estudos de Almeida (2002), as condicionantes mais atreladas ao sucesso escolar são: aquisição de conhecimento acerca dos programas educacionais, desenvolvimento adequado dos alunos nas mais diferentes áreas (física, psicológica, interpessoal), apoio familiar, nível socioeconômico, entre outros.

Já o fracasso escolar, por sua vez, é um fenômeno mais complexo, pois envolve fatores mais complicados de serem manipulados. Ele é, de maneira direta, compreendido como a reprovação e/ou evasão escolar do aluno em algum momento da sua trajetória educacional, ou melhor, fracasso escolar é um conceito utilizado para se referir àquele aluno que não conseguiu desenvolver com sucesso suas habilidades e competências educacionais dentro das diferentes etapas do ensino, seja devido ao abandono escolar, seja por dificuldades de aprendizagem. É fácil perceber que um aluno que não teve seu processo de alfabetização bem desenvolvido tem mais chances de ter fracasso escolar do que aqueles que aprenderam a ler e a escrever e conseguem aplicar essas duas práticas no seu cotidiano.

Durante muito tempo, a culpa desse fracasso escolar foi direcionada ao aluno, pela sua falta de aptidão, seja ela inata ou psicossomática, seja cognitiva ou sociocultural, ou seja,

ainda por culpa do meio onde ela está inserida e do nível econômico da família. É preciso considerar que os alunos são diferentes em suas habilidades e inteligências e não é correto atribuir o fracasso somente a influências externas, de origem familiar, social ou socioeconômica. Dessa forma, consideremos a motivação como papel importante nesse processo de sucesso ou fracasso escolar. Moraes e Varela (2007) defendem que a motivação se tornou um problema na educação, pois a falta dela representa queda no desempenho e qualidade nas tarefas de aprendizagem. Um aluno que esteja motivado consegue atingir maiores níveis de atenção e concentração na realização das atividades, persistência e engajamento no desenvolvimento delas, conseguindo concluí-las com mais destreza e alcançando maior satisfação quando atinge os objetivos propostos.

Weiner (1986) diz que para melhorar a motivação dos alunos é preciso que eles saibam atribuir tanto o sucesso como o fracasso ao nível de esforço dedicado na realização das atividades, entendendo que o esforço é uma causa interna, instável e controlável. Acredita-se que ao enfatizar o esforço que os alunos dedicaram àquela atividade, eles acabam por aprender a valorizar o uso adequado das estratégias de aprendizagem.

As ideias dos autores acima corroboram com os estudos desenvolvidos por Bruner, pois ao se tornarem partícipes ativos do processo de ensino-aprendizagem, os alunos tendem a ter mais engajamento na busca pela resolução de problemas, buscando explorar alternativas, testar hipóteses e discutir soluções.

O processo motivacional na aprendizagem depende de muitos fatores, mas é importante incentivar os alunos com metodologias que estimulem neles a vontade e o interesse pela aprendizagem, criar neles o gosto pela escola e formas interessantes de trabalhar os conteúdos programáticos com aulas mais interativas. Bruner nos trouxe a Aprendizagem por Descoberta como uma metodologia adequada para desenvolver nos alunos a vontade de aprender e a busca pela resolução de problemas.

O sucesso escolar chega quando a escola como um todo assume seu papel no processo de ensino-aprendizagem e trabalha para desempenhar suas atribuições, buscando despertar no aluno o desejo de aprender.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se compreender, através de estudos bibliográficos e sob a luz da Teoria da Instrução de Jerome Bruner, a importância que a motivação possui sobre os processos de alfabetização. Ele propôs critérios a serem considerados para buscar a melhor

maneira de obter os conhecimentos; uma das características apresentadas por ele diz respeito à predisposição para aprender. A esta predisposição ele associou fatores culturais, motivacionais e pessoais que afetam o desejo de aprender e a busca pela solução de problemas. Considerando, portanto, as questões motivacionais, é importante destacar o que Bruner (1975) nos trouxe: “despertar o interesse a curto prazo não é o mesmo que estabelecer interesse, em seu mais amplo sentido, a longo prazo” (p. 68). Ou melhor, quando estamos motivados de forma extrínseca, ficamos na dependência de fatores externos sob os quais, na maioria das vezes, não temos controle, já ao estarmos motivados intrinsecamente, temos a satisfação em nós mesmos. No que tange ao contexto educacional, Bruner acredita que as recompensas externas devem ser provisórias, pois a satisfação em terminar de forma bem-sucedida é que vai motivar intrinsecamente o aluno, elas são recompensadoras em si mesmas e, por isso, autossuficientes. É somente através da motivação intrínseca que se sustenta a vontade de aprender. A motivação extrínseca pode ser importante para iniciar determinadas atividades, para ativação delas, mas essa atividade será melhorada e suportada por motivos intrínsecos.

Desse modo, é preciso, então, refletir sobre as práticas escolares existentes em torno da aprendizagem da leitura e da escrita. Não basta alfabetizar, é preciso letrar. É preciso desenvolver no aluno a consciência da importância do ler e escrever na nossa vida, possibilitando que ele incorpore ao seu dia a dia essas duas competências. Despertar, principalmente, a sua motivação intrínseca para que ele encontre nele mesmo a satisfação de ler uma história ou uma curiosidade e escrever para que alguém leia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. Facilitar a aprendizagem: ajudar aos alunos a aprender e a pensar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 6, n. 2, p.155-165, 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141385572002000200006&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 11 out. 2021.

AMABILE, T.; HILL, K.; HENNESSEY, B.; TIGHE, E. The work preference inventory: Assessing intrinsic and extrinsic motivational orientations. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 66, p. 950-967, 1994. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.66.5.950>. Acesso em: 11 out. 2021.

BANDURA, A. **Social Foundations of Thought and Action: a Social Cognitive Theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1986.

BORUCHOVITCH, E. A motivação para aprender de estudantes em cursos de formação de professores. **Educação**, v. 31, n. 1, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2754>. Acesso em: 11 out. 2021.

BORUCHOVITCH, E. **A motivação do aluno**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

BOCK, A. M. B.; FUTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BORBA, F. I. M. de O; GOI, M. E. J. (2021). **Jerome Bruner nos processos de aprender e ensinar Ciências**. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9508>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRUNER, J. S. **A Cultura da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

BRUNER, J. S. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRUNER, J. S. **O Processo de Educação**. 5.ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975.

BRUNER, J. S. **Uma nova teoria de aprendizagem**. 3.ed. Rio de Janeiro, Bloch, 1975.

BRUNER, J. S. **Uma nova teoria de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Bloch, 1966.

CHARMEUX, E. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**; tradução de Maria José do Amaral Ferreira. – São Paulo: Cortez; 1994.

DIAS, A. I. **Ensino da linguagem no currículo**. Fortaleza, CE: Brasil Tropical, 2001.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GARRIDO, I. Motivacion, emocion y accion educativa. *In*: MAYOR, L. e TORTOSA, F. (Eds.). **Âmbitos de aplicacion de la psicologia motivacional**, p. 284-343. Bilbao: Desclee de Brower, 1990.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3 ed. São Paulo, SP: Atlas, 1991.

HERZBERG, F. **A Motivação para Trabalhar (The Motivation to Work - 1959)**. Relançado por Publisher Routledge em 2017.

INAF 2018. Nova edição do Inaf não aponta avanços nos níveis de alfabetismo no Brasil. Disponível em: <https://ipm.org.br/relatorios>. Acesso em: 11 mai. 2021.

LENS, W. Motivation and learning. *In*: Husen, T. e Postlethwaite, T.N. (Orgs.). **The international encyclopedia of education**, v. 7, p. 3936-3942. United States: Pergamon, 1994.

MASLOW, A. H. **A Theory of Human Motivation**. Published in *Psychological Review*, 50, 370-396, 1943.

MCCLELLAND, D. C. **The achieving Society**. Princeton: D. Van Nostrand, 1961.
MORAES, C. R.; VARELA, S. Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem. **Revista Eletrônica de Educação**. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007.

OLIVEIRA, J. B. A. **Tecnologia Educacional: teorias da instrução**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1977.

RYAN, R. M; DECI, E. L. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 68-78, 2000.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

WEINER, B. **An attributional theory of motivation and emotion**. New York: Springer-Verlag, 1986.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

LIMA, A. A; BARREIRA, M. M. L. A Motivação na Teoria da Instrução de Jerome Bruner e a Alfabetização Infantil. **Rev. FSA**, Teresina, v.19, n. 5, art. 9, p. 160-181, mai. 2022.

Contribuição dos Autores	A. A. Lima	M. M. L. Barreira
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X